

VICTORY STORM

Uma ESTRELA  
EM MINHA VIDA



***VICTORY STORM***

***UMA ESTRELA EM MINHA  
VIDA***

***TRADUZIDO DE HILTON F.  
SANTOS***

***©2022-VICTORY STORM***

*Não me demita. Não me demita. Não me demita. Não me demita. Não me demita. Não me demita. Não me demita.*

Berenice estava tão preocupada em ouvir as palavras decisivas, “você está demitida”, que nem podia ouvir o longo monólogo do chefe. Ele falava sobre a situação da empresa e as questões internas que estavam forçando o conselho de administração a tomar medidas drásticas, como a demissão de vinte funcionários. Quatro por divisão.

E agora, depois de rezar por muito tempo nos últimos dias para nunca ser chamada ao escritório do diretor, era lá que ela estava – aterrorizada pela ideia de ser demitida.

O que a deixava em pânico, não era tanto deixar um emprego no qual havia preparado envelopes de pagamento e arquivado faturas por quatro anos como um robô, com todas as consequências decorrentes disso. Pesava mais o conselho da mãe: ela devia voltar para casa (e ficar sob sua asa opressiva e protetora).

Estava tão abalada pelo desespero, que só compreendia fragmentos do longo discurso do chefe.

— A crise econômica não nos deixa saída... o plano financeiro... houve algumas discrepâncias... uma onda renovadora é necessária... nova liquidez... infelizmente... muitos empregados... grande despesa... sem uma nova política haverá algum enxugamento, isso é inevitável srta. Collins, não é mesmo?

Berenice continuou assentindo, assustada enquanto pensava em outra coisa.

— Entendeu, srta. Collins?

A pergunta com voz mais decidida fez a jovem saltar da cadeira.

— Claro! Concordo inteiramente, respondeu encolhendo-se, esperando que não tivesse dado a impressão de concordar com a própria demissão. Por que sempre que ficava nervosa não conseguia seguir o fio de um discurso mais de dois segundos?

Tudo bem, Berenice! Então você já tem um bom plano para, digamos, os próximos três ou cinco anos?

— Claro! *Só não me demita.*

— Não sabia que você era tão versada nesse campo. Seu nome já estava na lista de pessoas a demitir! Por enquanto não preciso fazer mais nada a não ser esperar por suas ideias por escrito. Para a próxima segunda-feira espero seu plano financeiro inovador para a empresa na minha mesa.

— Um plano financeiro?

Sim, nada de muito especial. Apenas duas ideias sobre como fazer a empresa voltar ao topo em três anos. Esses documentos aqui podem lhe ser úteis. Pegue-os, e por favor, não me decepcione.

O chefe então a dispensou, não antes de lhe entregar uma pilha de papéis de 15 cm de altura.

Quando saiu do escritório do Sr. Footer, Berenice foi para sua mesa com a cabeça ainda atordoada. Ela não sabia se pulava de alegria por salvar o emprego, ou se fugia para longe dali atirando longe aqueles arquivos: não sabia nem por onde começar um plano financeiro capaz de melhorar a sorte da editora.

Durante quatro anos ela limitara a preparar os envelopes de pagamento dos funcionários usando um programa de computador muito simples, ou a gravar as comunicações internas ou, no máximo, a arquivar faturas recebidas de sua colega Sandy.

Essas eram as tarefas que era capaz de fazer. Foram as únicas que ela aprendeu, fora passar o tempo livre no Facebook e Twitter, ou fazer compras na Amazon e no e-Bay.

Se no que dizia respeito ao computador ela era mera diletante, no financeiro era totalmente ignorante.

Quando voltou para sua mesa vizinha da de Sandy, caiu desajeitadamente na cadeira com um olhar distante.

— Tudo bem? Foi demitida? Perguntou Sandy,

preocupada com a colega.

— Ainda não, respondeu Berenice cabisbaixa.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que escapei da demissão por enquanto, até segunda-feira, respondeu enquanto pegava um biscoito coberto de chocolate da gaveta. O estresse sempre a deixava com fome.

— Bem que eu falei que você deveria comprar aquele amuleto da sorte no e-Bay! Com ele você não estaria nesse aperto agora, exclamou Sandy, balançando um pincel atômico vermelho com algo escrito em chinês em letras douradas perto do rosto dela, além de uma borracha vermelha, portadora de sorte e sucesso.

— Não acredito nessas coisas.

— Isso é ruim! Sobretudo com a quadratura de Saturno e Vênus que fará com que este junho se torne um inferno para todos os sagitarianos. Duas semanas atrás eu avisei que este mês você teria uma surpresa desagradável atrás da outra. Minha prima Dorine também é de Sagitário, e você nem imagina o que ela está passando.

— Sandy, por favor! Eu nasci sob uma estrela azarada e a escolha do meu nome confirma isso, resmungou Berenice, exasperada pela natureza excessivamente supersticiosa da amiga. Além disso, ela odiava o próprio nome por lembrar a Berenice da tragédia de Racine, que renunciava ao seu amor para sempre e escolhia a solidão. A mesma solidão que ela sentia há tanto tempo.

— Bem, e agora? Nossa Berenice é a quarta funcionária obrigada a deixar a empresa?

Perguntou Karen Jordan, a novata de voz aveludada que parecia ser muito inteligente para correr o risco de perder o emprego.

*Muita esperteza levar o Sr. Footer para a cama!*

— Ainda não foi a resposta ácida de Berenice. Ela deu a Karen um olhar congelante, mas Karen já tinha se afastado rindo, procurando outra vítima indefesa para incomodar.

— Eu gostaria de poder me vestir como ela, suspirou Sandy encolhendo o estômago sem tirar os olhos da estrutura atlética e sinuosa de Karen. Ela usava um terno de couro preto que a fazia parecer uma pantera intrigante e sexy.

— E ser como ela? Não, obrigado. Odeio pessoas que exploram a própria beleza para conseguir o que querem.

— Concordo com você, mas as pessoas nos veem como duas garotas maçudas que têm inveja de uma com corpinho. Que mundo terrível!

Infelizmente, Sandy tinha razão; só restava a Berenice guardar o chocolate na gaveta outra vez e voltar ao trabalho.

Quando as duas colegas saíam do trabalho, ao contrário dos outros, costumavam ir para o café ao lado do escritório onde o primo de Sandy trabalhava.

Por que deveríamos correr logo para o estacionamento e

disputar espaço de manobra se podemos esperar meia hora e manobrar mais à vontade sem medo de bater em outro carro? Sandy sempre dizia para justificar a grande xícara de sorvete antes de voltar para casa. Em casa, sua mãe a esperava com aquela salada despida usual que sua filha deveria comer se quisesse perder peso.

Como de costume, optaram por duas xícaras de sorvete com chantili.

Harry, primo de Sandy, veio receber os pedidos.

— Vocês notaram a agitação geral depois que o elenco do filme *A Supremacia* chegou na cidade? Exclamou Harry, exuberante como sempre.

— Eu me pergunto como um diretor de cinema famoso como Rob Sorenson consegue filmar algumas cenas de seus filmes numa cidade tão anônima e sem graça como Brocketville, comentou Sandy depois de um olhar superficial na lista de sorvetes, que ela realmente já sabia de cor.

— Ou como ele achou esta pequena cidade abandonada por Deus! Afinal, Brocketville não tem nenhuma herança artística e cultural significativa, não existem escritórios de empresas famosas e fenômenos sobrenaturais nunca ocorreram aqui. Como alguém pode escolher um lugar como este para um filme? Completou Berenice.

— Não sei, mas ontem disseram na TV que hoje seria o último dia de filmagem e que a rua aqui em frente seria finalmente reaberta ao tráfego. É pena! Muitos vieram



aqui para beber esperando vislumbrar alguns atores. Os últimos três dias foram sensacionais para vendas.

— Eu realmente não entendo o que há de tão especial nessas celebridades, admitiu Berenice irritada. Embora ela sempre estacionasse ao lado das barreiras que delimitavam a área de filmagem, nunca havia parado um momento para olhar com intenção de ver algum ator, especialmente David Donkey e Marc Hailen, apesar de a cidade estar repleta das fotos deles com inscrições dos fãs.

— Você está maluca? Eu faria tudo para conseguir o autógrafo de David Donkey. Bem que pedi um dia de folga para o Sr. Footer, mas aquele bastardo não me deu, desabafou Sandy, furiosa pela filmagem com seu ator favorito a poucos passos do seu trabalho, e ela sem poder vê-lo.

— Eu não saberia o que fazer com um autógrafo, desabafou Berenice.

— Nem mesmo se fosse de Marc Hailen?, brincou Harry, que conhecia o gosto de seu velho companheiro de escola.

— Não saberia o que fazer com um autógrafo, confessou Berenice.

— Isso mesmo. Gostei de como ele toca violino, não de sua caligrafia, apressou-se a esclarecer.

Marc Hailen era o violinista de um grupo pop que causava sensação. Combinando a doce melodia do

violino e as notas mais urbanas de *The Dark Angels*, fez a famosa banda subir nas paradas, sobretudo quando o jovem violinista em questão tocava no palco usando apenas um par de jeans rasgado e despojado, deixando o resto do corpo perfeito à mostra. No entanto, nos últimos anos, havia desistido de tocar e tinha se interessado por cinema.

Depois de dois filmes dirigidos pelo famoso casal Emily Keys e Steven Maddle, tia e tio do garoto, Marc tinha se dedicado inteiramente ao cinema e, depois de apenas três anos, já havia atuado em quatro filmes de sucesso.

— Bem, eu detesto esse sujeito. Como ele pôde deixar os *The Dark Angels*? Traiu seus próprios amigos e fãs! Interveio Sandy.

— Provavelmente não pagaram o suficiente. Algumas pessoas não se contentam, palpitou Harry.

— Você pode estar certo. Ouvi dizer que Marc Hailen acabou de fazer um seguro protegendo o corpo por dez milhões de dólares, sussurrou Sandy escandalizada.

— É verdade. Li na revista *Tabloid*. Parece que se você lhe der um soco na cara e ele se machucar um pouco, você vai ter que trabalhar dez vidas para compensar os danos.

— Que narcisista! Exclamou Berenice, lembrando-se que tinha lido essa notícia de manhã, na internet.

Por sorte, com a chegada dos dois sorvetes, todos assuntos e pensamentos infelizes sobre insegurança no

trabalho foram imediatamente esquecidos e trocados por misturar e saborear os cremes nos copos.

Quando saíram da cafeteria, o sol tinha sido substituído por um aguaceiro que esfriara o ar e que seria capaz de encharcar qualquer infeliz sem um guarda-chuva em poucos segundos.

— Oh não! Vou ficar encharcada e sujar meus sapatos novos, queixou-se Berenice imediatamente, na tentativa de abrigar seus mocassins de camurça vermelha da chuva.

— Bem que eu falei! O horóscopo nunca mente! Até amanhã, disse Sandy rindo e correndo em direção ao próprio carro.

Entregue à ideia de ser uma vítima dos corpos celestes, da quadratura e de estrelas azaradas, Berenice começou a correr na direção oposta, rumo ao carro mais antigo e mais estranho do estacionamento que estava vazio até então.

Quando chegou ao carro, estava molhada até os ossos e o cabelo colado no rosto, bloqueava sua visão.

Felizmente, não teve que perder tempo procurando as chaves para abrir o carro, já que a última vez que ele fora para a oficina a fechadura quebrou e agora a porta só trancava por dentro. Por fim, decidiu parar de gastar dinheiro com aquele ferro velho e se convenceu que poderia usá-lo mesmo que não pudesse trancá-lo pelo lado de fora.

Além disso, quem roubaria um automóvel naquele estado? Não valia nem a gasolina no tanque. Mas, pelo menos, ela podia ir trabalhar de carro. Em menos de quatro anos, poderia até se vangloriar de possuir um carro ótima qualidade. Se durasse mais quatro anos!

Sem fôlego para correr na chuva, Berenice fechou a porta e começou a recuperar o fôlego enquanto secava.

Quando deu partida no motor a chuva já tinha parado.

Tudo o que ela deveria ter feito era ter esperado no café mais dez minutos. Não teria se encharcado e sujado os sapatos novos.

Ela amaldiçoou o infortúnio e engatou a primeira marcha e deixou o estacionamento indo para casa.

Dobrou a última esquina sentindo-se melhor com a ideia que ia tirar suas roupas encharcadas e grudentas em pouco tempo, mas logo quando estava entrando no pátio de seu condomínio, um carro surgiu do lado esquerdo e cortou seu caminho.

— Imbecil! Não viu o sinal de pare? Gritou e desviou-se rapidamente para não encerrar o dia com um acidente.

Quando estava quase recuperando o controle do veículo, viu o muro que contorna o condomínio em frente dela.

Com o coração ainda na boca por ter escapado com sorte segundos antes, ela ainda teve o reflexo rápido o bastante para frear com toda a força.

O carro parou de súbito fazendo o corpo de Berenice se projetar para a frente atingindo o volante, embora ainda

preso pelo cinto de segurança. O "objeto enorme" que ocupava o banco de trás também foi para a frente e, em seguida, caiu de cabeça no chão atrás dos bancos da frente.

Atordoada e tremendo por essa sucessão de desastres, Berenice voltou a parar o motor que havia morrido por causa da frenagem repentina.

Amaldiçoando o horóscopo, Sandy e os amuletos da sorte que sua colega sempre a convidava a comprar para evitar qualquer tipo de tragédia, engatou a ré e partiu para casa a poucos metros dali.

*Mais alguns metros, e estarei salva!*

Ela estava prestes a passar pelo portão, quando ouviu algum barulho vindo do banco de trás.

Totalmente focada em dirigir depois de tudo o que tinha acabado de passar, deu apenas uma rápida olhada pelo retrovisor.

Vislumbrou dois olhos ameaçadores olhando para ela, mas isso bastou para gritar com medo, perder outra vez o controle do veículo e bater na parede de divisória dos boxes numerados do estacionamento.

Não havia airbag para protegê-la e Berenice se viu com os seios pressionados contra a roda, com o joelho direito no painel, e com a presença atrás dela colidindo contra seu assento.

Seu gemido fundiu-se ao do outro e ficou confuso.

Quando Berenice abriu os olhos novamente e viu que a

parte da frente de seu carro estava um desastre total, fez força para evitar uma explosão de lágrimas.

Agora, nem carro ela tinha mais!

— Onde você aprendeu a dirigir? Gritou uma voz masculina furiosa, fazendo-a tremer de medo.

Ela tentou se virar, mas o cinto de segurança preso a fez desistir. Enquanto brincava com o cinto que a mantinha em cativo, o estranho já saltava do veículo. Enfurecida e assustada, ela pulou do carro, sem se importar com o joelho ferido.

Na frente dela, estava um rapaz de uns 25 anos tentando parar a hemorragia no nariz com a manga do agasalho.

— Quem é você? Gritou Berenice de volta. Não sabia se lhe dava um chute por lhe dar tamanho susto que a fez destruir o carro, ou se o ajudava, pois seu nariz começava a resfolegar jorrando sangue à vontade.

— Olha o que você fez comigo, idiota! Disse ele atacando-a com fúria, apontando para o nariz inchado.

— Sinto muito, mas devia ter pensado nisso antes de entrar no meu carro secretamente! Olhe pra ele! Que desastre! E agora, quem vai me indenizar?

— Devo pagar por esse ferro-velho? Está delirando?! Não é culpa de ninguém se você não sabe dirigir!

— Eu sei dirigir! Desculpe-me se quase sucumbi de um ataque cardíaco quando vi um potencial maníaco homicida atrás de mim enquanto manobrava!

— Eu pareço um maníaco homicida? Perguntou o rapaz

**You've Just Finished your Free Sample**

**Enjoyed the preview?**

**Buy: <http://www.ebooks2go.com>**